

Introdução ao Tema Socialização

Maria da Graça Jacintho Setton
Professora. Sociologia
Faculdade de Educação - USP
Junho de 2008

*O senhor...Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traíçoeiro! Ah, uma beleza de traíçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! Me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. **Grande Sertão Veredas**, 2006, p.3 João Guimarães Rosa .*

A noção de socialização na sociologia contemporânea: um ensaio teórico

Esta reflexão tem como intenção considerar o potencial analítico do conceito de socialização no campo da sociologia da educação contemporâneo. Tem como proposta apresentar o alcance e o limite de um conceito que ainda que presente desde os primeiros estudos desta área aos poucos foi perdendo poder de uso em função de sua aproximação com as teorias estrutural-funcionalistas e a simultânea perda de sua capacidade de explicitar as transformações de ordem institucional nas sociedades atuais.

Nestas reflexões, além de concebê-la como uma noção definidora de um conjunto expressivo de práticas de cultura que tecem e mantêm os laços sociais, a socialização é entendida como uma área de investigação que explora as relações indissociáveis entre indivíduo e sociedade; na sua dimensão produtora difusora e reprodutora, a socialização pode enfocar as instituições como matrizes de cultura, pode enfatizar as estratégias de transmissão e portanto de transformação dos grupos sociais bem como pode explorar as disposições de cultura incorporadas pelos indivíduos ao longo de suas

experiências de vida. Nesse sentido a socialização deixa de ser apenas uma noção de integração explicitamente vinculada a uma tradição sociológica para ser vista de maneira mais ampla, como um processo construído coletiva e individualmente e capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo.

O processo de socialização como tema de investigação passa a adquirir aos poucos uma força heurística mais ampla que a noção de educação ou processo educativo. Se estas últimas, na grande maioria das vezes, são consideradas como práticas intencionais, conscientes e sistemáticas, a noção de socialização, ou melhor o processo de socialização, tem a vantagem de agregar às noções anteriores a uma série de outras ações difusas, assistemáticas, não intencionais e inconscientes, adquiridas de maneira homeopática, na família, na escola, na religião, no trabalho ou em grupos de amigos que, queiramos ou não, acabam por participar na construção dos seres e das realidades sociais.

Mais especificamente, refletir sobre o tema socialização é uma entrada para a apresentação de desdobramentos de pesquisa ou releituras de autores que tiveram importância capital na formação intelectual de uma geração de sociólogos da educação. Trata-se de uma tentativa de sistematizar algumas incursões intelectuais que contribuíram para a emergência de novas sociologias.¹

Seria difícil determinar com precisão o momento do século passado em que uma série de reflexões sociológicas se ocupou em fazer um balanço sobre os rumos da sociologia contemporânea. No entanto, a partir dos anos 80, um conjunto de trabalhos se dedicou a sistematizar contribuições significativas no

¹ A respeito de novas leituras acerca do tema socialização consultar Martuccelli (2005), Dubet (2005), Dubar (1991), Darmon (2006), entre outros.

campo das teorias sociológicas e todas elas, de uma certa forma, questionaram o poder explicativo de paradigmas centrados nas estruturas ou nas determinações sociais de ordem material e econômica. A necessidade de incorporar nas análises sociológicas a figura do agente social passa a dominar algumas correntes de pensamento, de maneira assistemática, no entanto bastante expressiva.²

Na tentativa de promover um debate sobre a teoria da socialização alguns autores desenvolveram reflexões que permitem a atualização da imaginação sociológica de gerações introduzindo novas abordagens acerca de um dos temas mais tradicionais da sociologia como as relações dialéticas entre indivíduo e sociedade. Neste sentido as reflexões que seguem pretendem sintetizar uma compreensão mais complexa do conceito acabando por conceituá-lo de maneira mais dialógica. Mais especificamente na discussão sobre as condições de construção de um *habitus* híbrido ou na proposta de conceber a socialização como um *fato social total* as reflexões destes autores ajudarão encaminhar um esboço teórico-metodológico capaz de articular um compreensão atualizada da noção de socialização.

É possível apreender que num caminhar vagaroso mas ao mesmo tempo decisivo alguns autores foram auxiliando esta travessia problematizando um tema e um objeto de análise que marcam o campo de investigação da sociologia da educação.

Pierre Arsant na introdução de seu livro *Les sociologies contemporaines* observa que muito antes da Sociologia se constituir enquanto disciplina científica e acadêmica, no final do século XIX, já se constituía como um

² A este respeito consultar os trabalhos de Corcuff, (2001, 2003,2007).

espaço de disputa entre duas versões sobre o social. As lutas internas ao campo parecem ter sido uma constante ao longo de seu processo de constituição e consolidação. Limitando-se a reconstituir o campo intelectual das ciências sociais nos anos 80 e 90 do século XX Arsant notifica algumas divergências que mais do que um espaço de enfrentamentos que envolvem pessoas e instituições registraria oposições que corresponderiam a concepções divergentes a respeito do conhecimento social.

Segundo Arsant tratar-se-ia de uma divisão com origem no século XIX entre Karl Marx e Aléxis de Tocqueville. Em linhas gerais poderia afirmar que a primeira versão privilegiaria o conhecimento de uma estrutura social conflituosa onde se oporiam as classes sociais; numa síntese histórica as relações entre os grupos em disputa determinariam através de múltiplas mediações a dinâmica do modo de produção capitalista. Por outro lado, a segunda leitura estaria longe de conceber uma estrutura determinante e observaria a sociedade moderna como resultante de múltiplas ações, decisões e ocorrências individuais. Para Tocqueville as determinações econômicas não seriam as únicas existentes. Propunha na ocasião multiplicar as análises sobre a cultura, religiões, valores e costumes, pois todas estas dimensões culturais participariam da vida coletiva e influenciariam no dinamismo das sociedades democráticas (Arsant,1990:p.7-9).

No período de um século, de uma certa forma, clássicos da sociologia nas figuras de Emile Durkheim, Max Weber e George Simmel, entre outros, puseram em evidencia através de conceitos e teorias as sensibilidades interpretativas já apresentadas por seus antecessores que explicitaram traços aparentemente contraditórios da construção das formações sociais que hoje acabam por inspirar mais sínteses do que oposições. É o que advoga Philippe Corcuff.

Com a mesma intenção de compreender o espaço de criação e transformação do campo das ciências humanas no escopo das sociologias francesas Philippe Corcuff em *As novas sociologias – construções da realidade social*, propôs-se a responder à questão: quais foram os conceitos mais discutidos nos anos 80 e 90 na França? Diferente de Arsant que aponta os pontos de divergências e conflitos internos ao campo, Corcuff dedica-se a apontar as convergências inéditas, ainda que não claramente percebidas, em pesquisas que tem pontos de partida e recursos conceituais diversos.

Segundo este autor é possível identificar que alguns autores tentam superar antinomias clássicas (como material e ideal, objetivo e subjetivo, coletivo e individual ou micro e macro) que, apesar de serem constitutivas da sociologia deixaram de ser produtivas. Contra estas oposições que se tornaram cada vez mais esterilizantes, segundo ele, desenhou-se um novo espaço de questões que o autor chama de *construtivismo social*, pois de acordo com estas perspectivas, a realidade social tenderia a ser apreendida como construída e não como dada ou natural (Corcuff, 2001:p.8-18).

Neste sentido, a partir dos anos 80, o campo da sociologia francesa não estaria fragmentado ou fracionado em visões opostas; ao contrário, perspectivas comuns poderiam ser identificadas. Estas novas maneiras de conceber o social seriam denominadas pelo autor como *novas sociologias*. Mais do que isso, afirmou que ainda que a tradição da sociologia tenha se firmado trabalhando com vários pares de conceitos herdados da filosofia ela foi particularmente marcada pela oposição *sociedade e indivíduo*.

Lembrando um dos paradigmas de uma vertente destas oposições, Emile Durkheim e seus discípulos estruturalistas, Corcuff aponta que no clássico *As Regras do Método Sociológico* a noção de coletivo (ou social), distinto do individual ligado à psicologia, estaria na base da definição da

sociologia; o coletivo remeteria à noção de constrangimento do universo exterior que se impondo aos agentes teriam um domínio de validade, no espaço e no tempo, que ultrapassaria as consciências individuais. Desta forma a objetividade do mundo social teria uma consistência independente dos indivíduos que a compõem (Corcuff, 2001).

Numa rápida retrospectiva Corcuff afirma que a ênfase dada à proeminência do coletivo na compreensão dos aspectos sociais suscitou reações que levaram a considerar aspectos de ordem individual. Entre outros, René Boudon, um dos expoentes desta corrente, chamou esta tentativa de *individualismo metodológico*. Criticando o sociologismo ou o holismo da versão durkheimiana, questionou o postulado segundo qual o indivíduo sendo produto de estruturas sociais poderia ser negligenciado. Ao contrário, segundo o individualismo metodológico para explicar qualquer fenômeno social é indispensável reconstruir as motivações dos indivíduos concernidos pelo fenômeno em questão e apreender este fenômeno como resultado da agregação dos comportamentos individuais ditados por estas motivações (Corcuff, 2001: p.21-25).

Contudo, a partir dos anos 80, numa tentativa de superar as versões dicotômicas de compreensão, ou seja, contra o holismo e o individualismo, *as novas sociologias* tenderiam então apreender indivíduos plurais, de acordo com Corcuff indivíduos produzidos e produtores de relações sociais variadas. Sem a intenção de agrupar todas estas tendências em um pensamento unitário, chama atenção para o fato de que o que qualifica de problemática *construtivista* não deve ser considerada como uma nova escola ou uma nova corrente dotada de uma homogeneidade. Trata-se mais de um espaço de problemas e de questões, sobre as quais trabalham pesquisadores diversos quanto a seus itinerários intelectuais, aos recursos conceituais utilizados bem

como em relação aos métodos empregados etc. Em uma *perspectiva construtivista* as novas sociologias tenderiam pois a ver as realidades sociais como construções históricas e cotidianas de atores individuais e coletivos (Corcuff, 2001:p.25-32).

Em uma tentativa um pouco diferente mas ainda com a preocupação de fazer um diagnóstico do campo da produção sociológica nos anos 2000, Danilo Martuccelli em *Grammaires de l'individu*, salienta os limites de uma sociologia tradicional que busca apreender o indivíduo a partir de uma certa representação do mundo social.

Segundo o autor a vontade original da sociologia é dar conta das experiências de modernidade que estão presentes em nossas vidas. Entretanto, se pergunta por que, paradoxalmente, entre todas as sociologias as reflexões sobre o indivíduo sempre se coloca como uma dificuldade? O que observamos segundo ele é uma passagem brusca, pouco mediada entre um indivíduo enclausurado nas amarras do social a um outro fragmentado, sob o império da heterogeneidade.

Para Martuccelli, uma visão sociológica tradicional tenderia a conceber a significação e a trajetória das ações dos indivíduos deduzidas de sua posição e função em um domínio social constituído. Acrescenta ter sido sempre grande a inclinação em estudar os atores a partir dos respectivos quadros de constrangimentos e de interdependência; desvencilhava-se desta forma de compreender suas interioridades interessando-se exclusivamente pelas configurações, pelos sistemas, e pelas posições sociais que explicariam o desenvolvimento diferencial das ações. As condutas constitutivas dos indivíduos seriam formadas e deformadas pelos agenciamentos das estruturas invisíveis, mas que estruturariam as ações individuais. Os sujeitos seriam

percebidos como produto de um entrelaçamento de forças de origem social (Martuccelli, 2002: p.17-19).

Martuccelli lembra que ainda que esta leitura esteja ainda em voga a situação atual obriga a repensar este enquadramento. Na realidade a crise da idéia de ator social, ou mesmo a correspondência estrita entre trajetória social, processo coletivo e vivência pessoal transformou-se radicalmente. Para Martuccelli a questão do social não pode ser mais apreendida exclusivamente a partir das posições sociais, a um sistema de relações sociais ou a uma certa concepção de ordem social. A novidade relativa na situação atual segundo ele provém do fato de que daqui para frente entre o vivido pelos atores e a linguagem dos analistas, a distancia não cessa de crescer.

As classes sociais, segundo ele, deixam de ser o formidável princípio de unidade política intelectual e prático da vida social. Os estudos sobre trajetórias e experiências individuais se tornam hesitantes. As fronteiras entre os grupos sociais, sem desaparecerem, fazem dos percursos experiências fluidas. Além de tudo não existiriam universos fechados para os indivíduos. Neste sentido, seria difícil pensar que os significados das ações ou as determinações das ações derivando exclusivamente da posição ocupada por um ator social em um contexto bem circunscrito (Martuccelli, 2002:p.20-25).

Seria constitutivo da modernidade a abertura de setores de atividades e a porosidade das fronteiras institucionais e grupais. A ação dos indivíduos não pode ser unicamente definida em termos de hierarquias, de status, sistema de ordem e de posição. Assim sendo Martuccelli afirma que a dificuldade da sociologia atual é adaptar a teoria às situações observadas. É lógico que as

aproximações e semelhanças posicionais existem, mas, segundo ele, elas não seriam mais suficientes.³

No entanto, alerta, o desafio será sempre estabelecer o laço entre experiências pessoais e jogo coletivo. Martuccelli propõe então que o estudo do indivíduo deva ser hoje material de reflexão da sociologia. A idéia de socialização compreendida como processo progressivo de investimento no ator pelo social no qual ele se dotaria de competências para viver em sociedade torna-se criticável pois estamos imersos em uma multiplicidade de orientações culturais. Como apreender a experiência dos indivíduos no momento em que os domínios culturais se diferenciam e onde os percursos sociais não possuem autonomia suficiente?

E preciso estudar, segundo ele, os mecanismos que fazem dos indivíduos, indivíduos. Processo complexo com rupturas que exige transformações de ordem metodológica, teórica e conceitual. A sociologia reconhecendo a singularização crescente das trajetórias individuais deve se obrigar a se desfazer da idéia de uma conexão universal entre todos os fenômenos. A sociologia atual deve representar a vida social como um quebra cabeças, incerto e fragmentado. O que antigamente era visto construído pelas instituições e formas sociais é agora pensado como produto de uma reflexividade. Os indivíduos são levados a se tornar indivíduos por eles mesmos.

Segundo suas palavras,

³ Desta forma acaba por corroborar pesquisas acerca das práticas e disposições culturais desenvolvidas por Coulanges (2003,2005) e Lahire (2006) em que as condições materiais de existência perdem seu poder explicativo. Vale salientar que Martuccelli não faz uso do conceito *habitus* para compreender a mediação entre experiências sociais e subjetividades.

“Por razões indissociavelmente teóricas e históricas, o processo de constituição dos indivíduos está se tornando, verdadeiramente, um elemento de base da análise sociológica. No contexto atual, e principalmente a partir das considerações do que chamamos freqüentemente de maneira confusa globalização, o indivíduo é cada vez mais descrito como estando submetido a um conjunto de fenômenos abertos e contraditórios, onde se misturam, ainda uma vez, antigas certezas. A tarefa da sociologia será de dar conta dos laços ambivalentes entre esta situação global e a injunção de tornar-se um indivíduo (Martuccelli, (2002, p-30)”.

Neste sentido, mais do que seguir à risca as contribuições de Martuccelli, considero-o como uma inspiração para se pensar a participação singular dos indivíduos na construção de uma nova perspectiva sociológica bem como inspirador das condições atuais do processo de socialização. Ou seja, a multiplicidade de referências identitárias que circundam os indivíduos e a possibilidade de construção de *habitus* híbridos.⁴ Como ele mesmo argumenta, posto que o caminho socializador não é nem linear ou único, a identidade dos indivíduos é fruto de uma superposição e da coexistência de diferentes tradições. Toda identidade é um amalgama de estruturas históricas anteriores dando lugar a uma série de conflitos internos, às vezes compreensíveis graças ao esclarecimento das diversas tradições de onde provém (Martuccelli, 2002: p.405).

Assim é possível afirmar que não são apenas os pertencimentos sociais e a condição material que comandam as disposições culturais na escala dos gostos e ou dos consumos. Ademais a mundialização cultural permite mais do

⁴ A proposta de se pensar as disposições de *habitus* dos indivíduos contemporâneos como híbridos encontra-se melhor elaborada consultar Setton, 2002.

que nunca que o individuo se identifique a uma multiplicidade de grupos de referencia, distantes, às vezes virtuais, mas a partir dos quais os indivíduos forjam uma identificação pessoal. A despeito dos exageros, como negar que os indivíduos são grandes consumidores de signos e deixam de se ancorar em posições sociais específicas?⁵

Na modernidade os arranjos são surpreendentes, permitindo os atores passar de um universo simbólico a outro, misturando-os ou mantendo-os intactos. As trocas e ou as exclusões são tão arbitrárias que é difícil de supor a partir de imbricações observáveis uma afinidade eletiva entre os elementos. Segundo ele, as hibridações são muito diversas, caprichosas e inesperadas. A intensificação das trocas culturais, este construtivismo espontâneo está difícil de ser escondido, mas continuamos a pensar em fronteiras firmes, como se houvessem realidades culturais homogêneas e coerentes (Martuccelli, 2002: p. 408-414).

Outro referencial importante que corrobora o entendimento de um processo híbrido e disperso da socialização pode ser encontrado na obra de François Dubet. Em uma leitura mais voltada ao campo da Sociologia da educação, no livro *Sociologia da Experiência* (1996), entre outros,⁶ este autor reflete sobre uma crise de paradigma dentro da Sociologia enquanto disciplina acadêmica. Aponta um certo esgotamento das contribuições da sociologia clássica nas questões relativas ao ator e sistema social. Segundo ele, esta sociologia, representada por E. Durkheim, T. Parsons e, de certa forma, N. Elias, define o ator individual pela interiorização do social. Ou seja, a ação

⁵ A este respeito consultar Setton (2000).

⁶ Na mesma linha de discussão os livros *Le déclin de l'institution*, Ed. Seuil, 2002 e *En la escuela – sociologia de la experiencia escolar*, escrito em parceria com Danilo Martuccelli, Editorial Losada, [1996], 1998, Buenos Aires, discutem a importância dos indivíduos no processo de construção de suas identidades sociais.

individual seria a realização das normas de um conjunto social integrado em torno de princípios comuns aos atores e sistemas.

Não obstante, tendo como base pesquisas empíricas, Dubet questiona esta interpretação. Crê que não é mais possível explicar a ação social a partir do modelo anterior. Sugere a noção de *experiência* para designar as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade de princípios de orientação. A noção de experiência social parece ser, segundo ele, a menos inadequada para designar as condutas sociais que não são redutíveis a puras aplicações de códigos interiorizados ou a encadeamentos de opções estratégicas que fazem da ação uma série de decisões racionais. Seriam condutas organizadas por princípios estáveis, mas heterogêneos (Dubet,1996:93). E, é esta heterogeneidade, que permite falar de experiência, aqui definida pela combinação de várias lógicas de ação. A representação clássica da sociedade deixa de ser adequada no caso em que os indivíduos são obrigados a gerirem simultaneamente várias lógicas de ação que remetem para diversas lógicas do sistema social. Para ele, as combinações de lógicas de ação que organizam a experiência social do indivíduo atual, não têm centro, elas não assentam sobre qualquer lógica única ou fundamental. A experiência social, na medida em que sua unidade não é dada, gera, necessariamente, uma atividade dos indivíduos, uma capacidade crítica e uma distância em relação a si mesmos (Dubet,1996:94).

Para Dubet, a experiência social é uma maneira de construir o mundo. O indivíduo não está inteiramente socializado, não porque lhe preexistam elementos “naturais” e irreduzíveis. Mas porque a ação não tem unidade, não é redutível a um programa único. Para Dubet existe alguma coisa na experiência social do indivíduo contemporâneo de inacabado e de opaco porque não há adequação absoluta entre a subjetividade do ator e a objetividade do sistema.

Não existe uma socialização total em uma única lógica de ação. Processa-se uma espécie de separação entre a subjetividade do indivíduo e a objetividade de seu papel. A socialização não é total, não porque o indivíduo escape do social, mas porque sua experiência se inscreve em registros múltiplos e não congruentes (Dubet,1996:94-96).⁷

Para Dubet, a heterogeneidade dos princípios da ação remete para a heterogeneidade de sistemas de ação e para a própria heterogeneidade dos mecanismos de determinação das lógicas da ação. É esta pluralidade que permite falar de ator e não de agente, pois a construção de uma coerência da experiência e de uma capacidade de ação é uma exigência. As experiências sociais são combinatórias subjetivas de elementos objetivos. A sociologia da experiência não separa ator do sistema, não recusa sua unicidade. Mas afirma que se a unidade das significações da vida social não estão no sistema, só pode ser observada no trabalho do ator social, trabalho pelo qual constroem suas experiências (Dubet,1996:107).

Uma sociologia da experiência incita que se considere cada indivíduo como um intelectual, como um ator capaz de dominar, conscientemente, pelo menos em certa medida, a sua relação com o mundo. O ator não é redutível a seus papéis, nem aos seus interesses. O indivíduo não adere totalmente a nenhum de seus papéis. Este tem como tarefa articular lógicas de ação, lógicas que o ligam a cada uma das dimensões de um sistema. O ator é obrigado a combinar lógicas de ação diferentes, e é a dinâmica gerada por esta atividade que constitui a subjetividade do ator e sua reflexividade (Dubet,1996:105-107).

⁷ Ainda que os indivíduos não cheguem a se socializarem totalmente em uma única lógica de ação, a socialização pode ser concebida como um fenômeno social total pois para sua realização deve necessariamente articular várias dimensões da vida social (econômica, jurídica, estética, familiar etc). Uma discussão mais aprofundada sobre o tema encontra-se em Setton, 2007, no artigo A socialização como um fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus in Anais da Anpocs.

Em síntese, considero pertinente a maneira como Dubet identifica a participação dos indivíduos na busca de uma coerência em suas praticas. Questionando o paradigma clássico da noção de socialização oferece a categoria experiência como capaz de explicitar o empenho de articular o social e o individual. No complexo jogo da socialização como um fato social que compreende uma diversidade de dimensões o indivíduo é forçado a articular e buscar a coerência frente a elas.

A sociologia da educação

Mais recentemente, com a intenção de contextualizar sua área de atuação, Anne Van Haecht em *Sociologia da educação – a escola posta à prova*, afirma que no início dos anos 80 a fertilidade do debate no interior da Sociologia influenciou particularmente a Sociologia da Educação. Nesta área buscava-se também conciliar o ponto de vista do ator e o ponto de vista das estruturas. Desenvolvia-se um desejo latente e manifesto de tomar distancia das teorias da reprodução até então hegemônicas.

Logo no início desta década, em 1983 a autora lembra a realização de um colóquio organizado em Toulouse⁸ que teve com propósito sistematizar as repercussões destas *novas sociologias* na área da educação. Mais especificamente, propondo-se a discutir as transformações que se operavam no interior do campo da sociologia o encontro registrou a necessidade de uma reflexão sobre os processos de socialização.

Tratava-se, segundo ela, de uma reação aos paradigmas deterministas estrutural funcionalistas ou marxistas que dominaram por um tempo as

⁸ Berthelot, J.M. (ed) (1984) *Pour un bilan de la sociologie de l'éducation*, Colloque de Toulouse, 16-17 mai 1983.

análises a respeito da escola e demais instituições socializadoras. Até então tratar de sociologia da educação era normalmente falar de escola, constituindo então a escolarização o modo de socialização por excelência da sociedade atual. Na medida em que as questões tratavam da natureza dos processos de socialização foi inevitável ver os sociólogos da educação rediscutirem velhas especializações centradas na escola ou na família. Já na ocasião lembraram que para falar de socialização seria necessário recusar recortes institucionais muito pronunciados (Van Haecht, 2006:p.88-93).

Buscou-se também suplantar as perspectivas que reduziam o processo de socialização em sua finalidade integradora. Neste sentido, segundo Van Haecht, para ultrapassar a irredutibilidade das teorias arquetípicas atribuídas à Pierre Bourdieu (estruturalista) e Raymond Boudon (individualismo metodológico), Jean M. Berthelot propôs uma sociologia dos modos e processos de socialização que permitiria articular lógica estrutural com lógica actancial ⁹(Van Haecht, 2006:p.127-133).

Segundo Berthelot, o conceito de socialização deveria supor a unidade dialética de determinações estruturais e de lógicas actanciais. Poderia-se pensar que o processo de socialização, enquanto globalidade inscrita em uma história, se expressaria em formas concretas; um processo não reduzido a um sistema exclusivo de determinações estruturais, nem ao simples jogo concorrencial de atores individuais. Salienta o autor na ocasião que seria absolutamente aceitável que conforme as sociedades e os períodos o peso recíproco dessas duas lógicas variasse e que o espaço de atuação dos atores aumentasse ou se reduzisse (Berthelot, 1983).

Alguns anos mais tarde, 1988, um outro Seminário foi organizado e realizado pelo Groupe de Recherche sur la Socialisation, CNRS, na

⁹ Termo que designa a narrativa dos protagonistas de uma história.

Universidade de Lumière – Lyon 2, na França. A intenção era dar continuidade às reflexões iniciadas em Toulouse acerca dos impasses relativos à Sociologia da Educação e a noção de socialização. Guy Vincent como coordenador do evento teve como convidados deste encontro Anne Van Haecht, Jean Michel Berthelot, Phillippe Perrenoud, Bernard Lahire, entre outros. O desafio era atualizar a noção de socialização, mostrar sua pertinência ou ao contrário abandoná-la a fim de melhor circunstanciar os processos pelos quais as instituições e os indivíduos construía a sociedade.

Perrenoud problematizou a pertinência do estudo da socialização. Seria uma estratégia de alargar o entendimento do processo educativo extra-escolar sem abandonar o sistema de ensino formal? Seria uma tentativa de encontrar um objeto central no campo da Sociologia da Educação? Ou seria ainda uma necessidade epistemológica de avançar em relação aos paradigmas estrutural-funcionalistas?

Descrente da herança e dos usos do conceito de socialização, Perrenoud acaba por afirmar que a socialização não poderia ser pensada em um sentido limitado e primário do termo; uma concepção mínima que não remeteria a uma ordem social específica, mas enfatizaria a aquisição de um tipo de competência de base, definida por suas funções e efeitos; ou seja, criticava o uso da noção como simples integração dos neófitos aos grupos já estabelecidos. Para ele seria necessário romper com a idéia de socialização como ação de integração do indivíduo, pois os desvios, as desordens e conflitos, as ordens marginais e de resistência também faziam parte do processo de socialização. Devíamos fugir das armadilhas do paradigma da reprodução. As praticas de resistência expressariam diferentes maneiras de integrar (Perrenoud,1988:p.161-163).

Posto isso, propunha o entendimento de que socialização deveria ser pensada como um conjunto de normas, valores, códigos e linguagens específicas que o indivíduo interioriza não para se tornar um ser qualquer, mas para se integrar a um grupo definido. Maneiras concretas de estar e viver em grupo, sendo tarefa do sociólogo perguntar-se *como* e *porque* as aprendizagens correspondentes são produzidas.

O importante seria atentar para os contextos singulares, observar o processo como um ato simbólico de interação e constituição grupal e individual. Socialização não deveria ser interpretada de uma maneira unidimensional, mas em sua multiplicidade de atos e interpretações destes atos; uma realidade em construção, um contínuo processo de integração e produção de sentidos; movimento constante de pressões e contra-pressões vividas pelos indivíduos (Perrenoud,1988).

Neste mesmo debate, dando prosseguimento ao questionamento da noção de socialização Jean Michel Berthelot afirma que o termo é de uso difícil e paradoxal. Para ele, o primeiro paradoxo refere-se a uma tentativa de romper com uma leitura funcionalista fazendo uso de um conceito que é paradigmático desta escola de pensamento. O segundo paradoxo é se tratar de um conceito técnico que ainda que se queira não consegue dar conta de uma série ampla de fenômenos sociais relativos à formação dos indivíduos e da sociedade. Um terceiro paradoxo consistiria na necessidade de incorporar ao tema um vasto campo de investigação numa tentativa de circunscrever tribos científicas. Neste sentido, pergunta, porque diante de tantos problemas propomos a continuar a trabalhar com ele?

Segundo Berthelot a manutenção e a pertinência de seu uso justifica-se, pois a noção de socialização pode incorporar uma série de sentidos que favorecem uma leitura avançada e adequada ao momento reflexivo da

Sociologia da Educação. Para explicitar seu argumento tentará esclarecer o conteúdo semântico do termo. Ou seja, lembra que a primeira definição semântica da noção de socialização se ocupa em exprimir um ato de tornar uma coisa privada em pública; a segunda definição explora um conjunto de ações humanas que se insere numa rede de interdependência; e, a terceira definição compreende um processo pelo qual um grupo transmite valores e comportamentos como estratégia de integração de seus membros (Berthelot, 1988:p.171-174.)

Para Berthelot a primeira e a ultima definição possuem um entendimento de mudança e transformação; registram a passagem de um estado a outro implicando uma conotação de tempo e história. Por outro lado, a segunda definição explicita a idéia de sentido e ou de significação. Não se trata da transformação de ordem material, mas de transformação de sentidos ou estratégias de inserção em contextos de significação ou de atribuição de sentidos.

Posto isto socialização ainda seria um termo pertinente e útil, pois além de se referir aos processos de constituição dos indivíduos se refere ao mesmo tempo aos sentidos que os lugares e os objetos assumem para estes mesmos indivíduos. Há pois uma socialização e uma ressocialização das coisas na medida em que inserimos continuamente em redes de sentido homens, objetos e significados (Berthelot, 1988:p-176-178).

A noção de socialização pensada a partir de uma perspectiva ampla explicita a idéia de continuidade, processo; algo que possui história, ou seja, é devedora de uma compreensão diacrônica dos fenômenos produtores de sentido; para Berthelot estar em sociedade é sempre e simultaneamente estar inscrito em uma constelação de sentidos; não se trata apenas de uma integração estrutural mas também de uma integração cultural. Desta forma

salienta que socialização reflete um campo de investigação que mistura fundamental e simultaneamente *estruturas, atores, sentido e história*.

Concordando com Berthelot considero que é na articulação desta complexidade de dimensões que poderíamos construir uma nova linha de abordagem dos processos socializadores.

Em sintonia com esta discussão Guy Vincent e Bernard Lahire sintetizaram as novas tendências que se traçou a partir destas reflexões. Segundo Vincent, dali para frente usar o termo socialização significaria estudar as múltiplas relações que se tecem entre os seres sociais e entre os seres sociais e o mundo. Processo de realizações sucessivas e coexistentes de maneiras de ser e estar no mundo (Guy Vincent, 2004: p.120-123).

A socialização não se reduz desde então às abordagens dos processos de aprendizado ou integração; trata-se de um conceito geral e não um termo designando certos processos sociais, certos campos e práticas; socializar não é integrar um indivíduo a um grupo ou fazê-lo interiorizar uma norma. Segundo Lahire a questão não é saber como as normas pré-existentes transitam para os indivíduos mas saber como os seres sociais co-existem com as normas, com as instituições e objetos e, como se formam e se transformam as relações sociais (Lahire,1988:p.108).

Segundo esta leitura o processo seria ininterrupto; socialização seria o campo de investigação das formas de relações sociais e suas transformações; tratar-se-ia do estudo da apreensão de relações múltiplas, complexas, no entanto recorrentes, relativamente invariantes de relações e modos de estar e ser no mundo; a tarefa do estudioso destes fenômenos seria investigar situações específicas sem perder de vista as formas sociais em que estão inseridas e que possuem história (Lahire,1988).

Mais especificamente, para Guy Vincent socialização reflete uma realização, uma forma específica de estar, construir e relacionar-se *com* e *no* mundo. Assim, seria melhor utilizar a expressão em um verbo reflexivo, portanto *socializar-se*. Recusa-se a usar os termos produção e reprodução aos fenômenos da socialização. Para ele a interiorização das formas culturais não exclui a possibilidade de troca; portanto socialização deve ser pensada em termos de um constante fazer-se, refazer-se, desfazer-se. Ela pode ser feita sempre de maneira diferente, ou seja, por desvios; a de-socialização faz parte da socialização em seu sentido mais amplo (Guy Vincent, 2004:p.120-123).¹⁰

Segundo esta perspectiva as trocas estão inscritas no social e o conceito complementar de socialização neste paradigma é a historicidade e a subjetividade. Somos seres de relações e, portanto, o social é a reinvenção e integração de subjetividades.

O conceito de socialização tal como definido até aqui subentende a análise das formas sociais e históricas onde os indivíduos participam ativamente da construção social e da construção de si mesmos. Neste sentido nos coloca em um nível mais geral dos fenômenos rompendo com os cortes institucionais, cortes reprodutores de uma delimitação dos campos da Sociologia tradicional, (sociologia da família, da escola, da religião ou do trabalho etc.) favorecendo uma metodologia de trabalho de investigação interdependente e relacional de análise.

Mais do que isso, estes autores em conjunto nos oferecem um instrumental para se pensar as experiências híbridas de socialização e a participação dos indivíduos neste processo de articulação dos sentidos.

¹⁰ A idéia de formação e transformação faz parte da compreensão de socialização de Muriel Darmon em seu livro *Socialisation*, Ed. Armand Collin, 2006. No entanto, a autora não confere aos sujeitos tanta autonomia como parece dar Guy Vincent e os autores até aqui comentados.

Considerações finais

A despeito das diferentes leituras apresentadas até agora pode-se observar que todas apontam para a necessidade de repensar o processo de socialização na atual configuração histórica de nossa sociedade. Entretanto, seria oportuno evitar generalizações. Muitas interpretações não partilham os mesmos princípios e questões teóricas. Alguns autores deixaram de trabalhar especificamente o tema socialização (Perrenoud, Berthelot), outros exploram alguns aspectos da noção na construção de temas diversos (Vincent, Lahire, Van Haecht), outros ainda enfatizam a figura da autonomia dos indivíduos (Martuccelli, Dubet) na construção de suas trajetórias sociais e pessoais.

Contudo, a intenção de trazê-los nesta reflexão responde à necessidade de sintetizar as muitas contribuições que cada um destes autores oferece na formulação de um arcabouço teórico e metodológico nas pesquisas sobre o tema “processos de socialização”, sem, no entanto, esgotá-la.¹¹ Na busca de um novo referencial teórico e conceitual é possível se apropriar de muito do que cada um destes autores registrou nos últimos anos a fim de montar uma compreensão sobre a complexidade do processo de construção dos indivíduos e do social na contemporaneidade.

De fato todos seriam unânimes em afirmar que as novas formas de socializar são mais tensas, heterogêneas, complexas, contraditórias e não unitárias se comparadas às vividas há 50 anos atrás. Como diria Martuccelli (2002) e Dubet (2005), a fragmentação do mundo social alimentou e legitimou

¹¹ Um esforço inicial de repensar o processo de socialização encontra-se no artigo “A particularidade do processo de socialização no mundo contemporâneo”, publicado em 2005, pela revista Tempo Social, Revista de Sociologia, do depto de Sociologia da FFLCH, em que comento as contribuições de Emile Durkheim, Peter Berguer, Thomas Luckmann e a emergência dos estudos de François Dubet e Bernard Lahire nesta discussão.

a multiplicação de abordagens ecléticas visando ultrapassar as dificuldades com a ajuda de modelos pluralistas e multidimensionais.

Já não se compartilha representações simplistas, agora já pensadas a partir da base de um senso comum, sobre as instituições de socialização como máquinas, máquinas para reproduzir, para inculcar ou máquinas para controlar ou destruir toda individualidade. Também se questiona o postulado central desta visão, segundo o qual existiria uma continuidade funcional e formal entre cultura (valores), a sociedade (papeis) e as personalidades (os motivos da ação). A socialização não teria pois mais a função de assegurar a continuidade entre a estrutura social e as identidades.

Na perspectiva apresentada não seria o caso de escolher o ator em detrimento do sistema, ou vice-versa, na construção de um sistema da ação. Todos parecem comungar um certo construtivismo como diria Corcuff. Ou seja, a idéia de que o individuo tem participação como agente/ator na totalização de suas experiências de vida. Seria então mais produtivo afirmar que a estrutura da sociedade deve ser estudada a partir das características dos indivíduos em seu trabalho de se constituir enquanto ser social; a formação dos indivíduos contemporâneos não seria consequência redutível nem a um sistema exclusivo de determinações estruturais, nem ao simples jogo entre subjetividades.

Creio que a consciência sociológica de vivermos em um mundo fragmentado e pluralista emergiu em função da perda do monopólio das instituições na formação do conjunto de disposições que modulam as formas de agir, pensar e ser dos indivíduos. Por exemplo, as crianças e os jovens hoje possuem outras armas para ter acesso a distintos universos culturais diferentes daqueles de nascença. A cultura escolar é uma cultura entre outras, sem

duvida mais exigente, mais oficial o que não impede que a maioria deles veja adiante dos muros escolares (Dubet, 2002).

Vale, no entanto, registrar algumas dissonâncias importantes no trabalho destes autores a fim de melhor matizar suas contribuições. Concordando com Corcuff creio que algumas destas visões enfatizam diferentemente a importância ou o protagonismo do processo de socialização. Ainda que possa afirmar que todos partilhem de um referencial construtivista em que advogam a troca simbólica entre indivíduo e sociedade na construção da realidade social penso que Berthelot, Van Haecht e Lahire estariam no pólo em que se favoreceriam as condições de socialização externas ao indivíduo. Por outro lado, Perrenoud, Vincent, Martuccelli, Dubet parecem enfatizar a experiência reflexiva dos sujeitos frente aos novos condicionamentos do processo de socialização atual.

Todavia, é possível, a partir de análises concretas das condições de socialização, conciliar as contribuições de cada um deles. Como diria Muriel Darmon (2006) a socialização não designa um domínio dos fatos mas é uma maneira de se compreender o real; é um olhar, uma perspectiva analítica que se constrói frente ao fenômeno da realização objetiva e simbólica do social.

Longe de ser uma tarefa fácil é necessário ter consciência dos limites epistemológicos que cercam a compreensão do fenômeno. É preciso ter clareza das circunstâncias históricas concretas e dos objetos e sujeitos de nossas investigações.

Em um estudo que se propõe refletir sobre as práticas de socialização contemporâneas relativas sobretudo ao universo familiar, religioso, escolar e midiático, onde a intenção é fazer uma caracterização das práticas e experiências socializadoras do indivíduo contemporâneo, é preciso estar atenta para os usos destas perspectivas. Privilegiando as esferas de relações destas

matrizes de cultura, o eixo da investigação concentra-se na reflexão das influências e determinações a que os indivíduos estão sujeitos nestes sub-espacos. Neste sentido é preciso ter ciência que a ênfase esta sendo dada ora às instituições e sua força socializadora ora aos indivíduos que as compõem.

No entanto, a mesma idéia deve ser aplicada à interdependência dos sujeitos entre si e entre eles e as instituições em que circulam. Como diria Berthelot seria absolutamente aceitável que conforme as sociedades e os períodos o peso recíproco dessas duas lógicas variasse e que o espaço de atuação dos atores aumentasse ou se reduzisse (Berthelot, 1983).

BIBLIOGRAFIA

ANSART, Pierre (1990), *Les sociologies contemporaines*. Seuil, Paris.

Berthelot, Jean Michel, (1988). *Reflexion sur la pertinence du concept de socialisatino*. in Actes de la Table Ronde de Lyon (4 et 5 de fevrier de 1988) Groupe de Recherche Sur La Socialisation – *Analyse des modes de socialisation – confrontations e perspectives* – Université Lumière- Lyon 2. Sur la direction Guy Vincent.

___ (1984) Pour um bilan de la sociologie de l'éducation, Colloque de Toulouse, 16-17 mai 1983.

COULANGEON, Philippe. (2003), La stratification sociale des goûts musicaux. *Revue Française de Sociologie*.

___(2007), Lecture e television: les transformations du role culturel de l'école. *Revue Française de Sociologie*, octobre, decembre, 48-4.

CORCUFF, Philippe (2001), *As novas sociologias – construções da realidade social*. EDUSC- Ed. Sagrado Coração de Jesus, Bauru.

DARMON, Muriel, *La socialisation*. Arman Colin, 2006. Paris.

DUBAR, Claude, (1991), *La socialisation – construction des identités sociales et professionnelles*, Paris, A. Colin.

DUBET, François (2002), *Le déclin de l'institution*. Ed. Seuil. Paris.

_____(2002) *Le déclin de l'institution*, Ed. Seuil, Paris.

____DUBET, François (2005) Pour une conception dialogique de l'individu. In *Espace Temps.net*, Textuel, 21.06.2005
<http://espacestemp.net/document1438.html>

DUBET, F. & MARTUCELLI, Danilo [1996], 1998. *En la escuela – sociología de la experiencia escolar*, Editorial Losada, , Buenos Aires.

LAHIRE, Bernar, (1988). Socialisation, formes sociales et pratiques semiotique. Définitions e premissas. in Actes de la Table Ronde de Lyon (4 et 5 de fevrier de 1988) Groupe de Recherche Sur La Socialisation – *Analyse des modes de socialisation – confrontations e perspectives* – Université Lumière-Lyon 2. Sur la direction Guy Vincent.

_____(2006). *A cultura dos indivíduos*. Ed. Artmed. Porto Alegre.

MARTUCELLI, Danilo (2002), *Grammaires de l'individu*. Gallimard. Paris.

_____(2005), Les trois voies de l'individu sociologique. In *Espace Temps.net*, Textuel, 08.06.2005 <http://espacestemp.net/document1414.html>

PERRENOUD, Philippe, (1988). Sur des airs savant, une notion de sens comuns: la socialization. in Actes de la Table Ronde de Lyon (4 et 5 de fevrier de 1988) Groupe de Recherche Sur La Socialisation – *Analyse des modes de socialisation – confrontations e perspectives* – Université Lumière- Lyon 2. Sur la direction Guy Vincent.

SETTON, Maria da Graça J. (2005), A particularidade do processo de socialização no mundo contemporâneo”, publicado em 2005, pela revista *Tempo Social*, Revista de Sociologia, do depto de Sociologia da FFLCH, USP, São Paulo, p.335-350.

____(2000), Narrativas grupais e produtos da mídia: uma relação ambivalente. In *Revista do Pós-Graduação do IFCH*, Unicamp, Campinas.

____(2002a), A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, Rio de Janeiro, maio/agosto, n/20,p.60-70.

VAN HAECHT, Anne (2006), Sociologia da educação – a escola posta à prova. Artmed, Porto Alegre.

VINCENT, Guy, (1988), (sur la direction) Actes de la Table Ronde de Lyon (4 et 5 de fevrier de 1988) Groupe de Recherche Sur La Socialisation – *Analyse des modes de socialisation – confrontations e perspectives* – Université Lumière- Lyon 2.